


CIA. DAS LETRAS



O Mundo de Sofia

Romance da história da filosofia

JOSTEIN GAARDER


CIA. DAS LETRAS



O Mundo de Sofia
Romance da história da filosofia

JOSTEIN GAARDER

Copyright

Esta obra foi postada pela equipe [Le Livros](#) para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura a àqueles que não podem comprá-la. Dessa forma, a venda desse eBook ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação **é totalmente condenável** em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade são marcas da distribuição, portanto distribua este livro livremente. Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e à publicação de novas obras. Se gostou do nosso trabalho e quer encontrar outros títulos visite nosso site:

[Le Livros](#)

<http://LeLivros.com>



Vamos resumir: um coelho branco é tirado de dentro de uma cartola. E porque se trata de um coelho muito grande, este truque leva bilhões de anos para acontecer. Todas as crianças nascem bem na ponta dos finos pêlos do coelho. Por isso elas conseguem se encantar com a impossibilidade do número de mágica a que assistem. Mas conforme vão envelhecendo, elas vão se arrastando cada vez mais para o interior da pelagem do coelho. E ficam por lá. Lá embaixo é tão confortável que elas não ousam mais subir até a ponta dos finos pêlos, lá em cima. Só os filósofos têm ousadia para se lançar nesta jornada rumo aos limites da linguagem e da existência. Alguns deles não chegam a concluí-la, mas outros se agarram com força aos pêlos do coelho e berram para as pessoas que estão lá embaixo, no conforto da pelagem, enchendo a barriga de comida e bebida:

— Senhoras e senhores — gritam eles —, estamos flutuando no espaço! Mas nenhuma das pessoas lá de baixo se interessa pela gritaria dos filósofos.

— Deus do céu! Que caras mais barulhentos! — elas dizem.

E continuam a conversar: será que você poderia me passar a manteiga?

Qual a cotação das ações hoje? Qual o preço do tomate? Você ouviu dizer que a Lady Di está grávida de novo?

(Jostein Gaarder)

CAPÍTULO I: O JARDIM DO ÉDEN

...algo teria de surgir a certa altura do nada...

Sofia Amundsen regressava da escola. Percorrera com Jorunn o primeiro trecho do caminho. Tinham conversado sobre robôs. Para Jorunn, o cérebro humano era um computador complexo. Sofia não estava de acordo. Um homem deveria ser algo mais do que uma máquina.

No supermercado, despediram-se. Sofia morava no extremo de um extenso bairro de residências e o caminho que tinha de percorrer para a escola era quase o dobro do de Jorunn. A sua casa parecia ficar no fim do mundo, porque atrás do jardim já não havia casas, apenas floresta.

Seguiu para Klöverveien. No fim da rua, havia uma curva estreita, a que

chamavam a “Curva do Capitão”, e onde quase só ao fim-de-semana se viam pessoas.

Era o começo de Maio.

Nalguns jardins, os narcisos formavam coroas de flores sob as árvores de fruto. As bétulas tinham uma fina penugem verde.

Não era estranho que nessa estação do ano tudo comesse a crescer e a desenvolver-se? Porque é que essa massa de plantas verdes podia nascer da terra inanimada logo que o tempo ficava mais quente e os últimos vestígios de neve tinham desaparecido?

Sofia espreitou para a caixa do correio antes de abrir o portão do jardim.

Geralmente havia muita publicidade e alguns envelopes grandes para a sua mãe. Sofia colocava sempre um monte de cartas na mesa da cozinha, indo depois para o quarto fazer os trabalhos de casa.

Para o seu pai chegavam por vezes cartas do banco, mas ele também não era um pai comum. O pai de Sofia era capitão num petroleiro e estava fora

quase todo o ano.

Quando regressava a casa por poucas semanas, passeava de chinelos pela casa, e cuidava de Sofia e da mãe de uma forma enternecedora. No entanto, quando estava em viagem, podia parecer muito distante.

Nesse dia havia apenas uma pequena carta na grande caixa do correio, e era para Sofia. “Sofia Amundsen” estava escrito no pequeno envelope.

“Klöverveien 3”. Era tudo, sem remetente. A carta nem sequer tinha selo.

Imediatamente após ter fechado o portão, Sofia abriu o envelope. Encontrou uma pequena folha, que não era maior do que o respectivo envelope. Na folha estava escrito: “quem és tu”?

Mais nada. Não havia assinatura, apenas estas três palavras escritas à mão, seguidas de um grande ponto de interrogação.

Observou uma vez mais o envelope. Sim, a carta era de fato para si, mas quem é que a tinha posto na caixa do correio?

Sofia apressou-se em abrir a porta da casa vermelha.

Como de costume, o gato Sherekan saiu furtivamente dos arbustos, saltou para o patamar e enfiou-se em casa, antes de Sofia fechar a porta.

— Bichano, bichano, bichano!

Se, por algum motivo, a mãe de Sofia estava zangada, dizia que a sua casa parecia uma feira de animais. Uma feira de animais era uma coleção de animais diversos e, na realidade, Sofia estava bastante satisfeita com a sua coleção. No início, tinha recebido um aquário com os peixes dourados Caracolinho Dourado, Chapeuzinho Vermelho e Diabrete.

Mais tarde, foi a vez dos periquitos Tom e Jerry, a tartaruga Govinda e finalmente o gato amarelo Sherekan. Todos aqueles animais eram uma espécie de compensação pelo fato de a sua mãe chegar tarde a casa e de o seu pai estar quase sempre a viajar. Sofia atirou a mala da escola para um canto e pôs um prato com comida de gato para Sherekan. Depois, foi sentar-se num banco da cozinha, com a misteriosa carta na mão.

Quem és tu?

Se ela soubesse! Era obviamente Sofia Amundsen, mas quem era Sofia Amundsen? Ainda não tinha descoberto totalmente. E se tivesse outro nome? Anne Knutsen, por exemplo. Seria então uma outra pessoa? Subitamente, lembrou-se de que o seu pai inicialmente gostaria de ter lhe dado o nome Synnöve. Sofia procurava imaginar como seria se cumprimentasse alguém e se se apresentasse como Synnöve Amundsen — mas não, não conseguia. Imaginava sempre uma outra pessoa.

Saltou do banco e, com a estranha carta na mão, dirigiu-se para o quarto de banho. Colocou-se em frente do espelho, e olhou-se fixamente nos olhos.

— Eu sou Sofia Amundsen — disse.

A moça do espelho nem sequer respondeu com uma careta. Aquilo que Sofia fizesse, ela fá-lo-ia exatamente da mesma forma. Sofia procurava adiantar-se em relação ao espelho com um movimento muito rápido, mas a outra era igualmente rápida.

— Quem és tu? — perguntou Sofia.

De novo não recebeu nenhuma resposta, mas por um breve momento não soube se tinha sido ela ou o seu reflexo no espelho a fazer a pergunta. Sofia tocou com o indicador no nariz refletido no espelho e disse:

— Tu és eu. — Não recebendo resposta alguma, inverteu a frase:

— Eu sou tu.

Sofia Amundsen nunca estivera particularmente satisfeita com a sua figura. Ouvia freqüentemente dizer que tinha uns belos olhos de amêndoa, mas as pessoas diziam-no, sem dúvida, porque o seu nariz era demasiado pequeno e a boca um pouco grande. Além disso, as orelhas estavam demasiadamente juntas aos olhos. Mas o mais grave eram os cabelos lisos, difíceis de tratar. Por vezes, o pai passava a mão pelos seus cabelos e chamava-lhe “a moça dos cabelos de linho”, referindo-se a uma composição de Claude Debussy. Para ele era fácil dizê-lo, visto que não estava condenado para toda a vida a ter cabelos compridos e negros, completamente lisos. Nos cabelos de Sofia nem o gel nem os sprays faziam efeito.

Por vezes, achava-se tão estranha que se perguntava se não seria disforme de nascença. A sua mãe tinha-lhe falado num parto difícil. Mas seria possível o nascimento determinar, de fato, a figura de cada um?

Não era estranho que ela não soubesse quem era? Não era absurdo não poder decidir nada quanto à sua figura? Tinha simplesmente nascido consigo. Podia escolher os seus amigos, mas não se escolhera a si mesma. Nunca tinha decidido que queria ser um ser humano... O que era um ser humano? Sofia observou de novo a moça do espelho.

— Vou mais é fazer os meus trabalhos de biologia — disse, como que se desculando. Em seguida, estava à entrada da casa.

— Não, prefiro ir para o jardim — pensou.

— Bichano, bichano, bichano!

Sofia enxotou o gato para a escada e fechou a porta.

Quando ia pelo caminho de saibro com a misteriosa carta na mão, teve uma estranha sensação. Imaginava-se como um boneco que, por artes mágicas, se tivesse tornado vivo.

Não era estranho que estivesse no mundo e pudesse tomar parte naquela aventura?

Sherekan saltou elegantemente pelo caminho de saibro e desapareceu por entre os espessos arbustos. Um gato vivo, desde a ponta dos bigodes brancos até à cauda ondulante na extremidade do corpo. Também ele estava no jardim, mas certamente não estava tão consciente disso como o Sofia.

Depois de ter pensado um pouco acerca do fato de existir, começou também a pensar que não estaria ali sempre.

“Neste momento estou no mundo”, pensou, “mas um dia terei desaparecido”.

Haveria uma vida após a morte? O gato também não tinha a mínima consciência deste problema.

A avó paterna de Sofia tinha morrido recentemente.

Quase todos os dias, há mais de meio ano, Sofia pensava no quanto sentia a sua falta.

Não era injusto que a vida tivesse sempre um fim?

Sofia parou no caminho de saibro, cismando. Procurou concentrar-se no fato de existir, procurando assim esquecer que não existiria sempre. Mas isso era de todo impossível. Quando se concentrava no pensamento da sua existência, emergia imediatamente a idéia do fim da vida.

O contrário era igualmente verdadeiro: só quando se apercebia que um dia teria desaparecido, compreendia claramente que a vida era infinitamente valiosa. Era como as duas faces da mesma moeda, uma moeda que ela virava constantemente. E quanto maior e mais clara era uma face da moeda, maior e mais clara se tornava também a outra. A vida e a morte eram duas faces do mesmo problema.

Não podemos imaginar que vivemos sem pensar que temos de morrer, dizia para consigo. Do mesmo modo, é impossível refletir sobre o fato que temos de morrer sem sentirmos simultaneamente que viver é algo maravilhoso.

Sofia lembrou-se que a avó, no dia em que soubera da sua doença, dissera algo semelhante. — Só agora tomo consciência de como a vida é rica — dissera ela.

Não era triste que a maior parte das pessoas tivesse que ficar doente para reconhecer que a vida era bela? Talvez tivesse bastado receber uma carta misteriosa!

Decidiu verificar se teria chegado algo mais. Sofia correu para o portão e espreitou para dentro da caixa do correio. Ficou espantada quando encontrou um envelope totalmente idêntico. Mas, será que verificara, quando retirou a primeira carta, se a caixa estava, de fato, vazia? Naquele envelope também estava escrito o seu nome.

Abriu-o e retirou uma folha branca, igual à primeira.

“De onde vem o mundo”? — estava escrito.

Não fazia idéia. Ninguém sabe tal coisa! E, no entanto, Sofia achou esta pergunta legítima. Pela primeira vez na sua vida pensou que era quase impossível viver num mundo sem perguntar pela sua origem.

Num canto do jardim, por detrás das framboeseiras, havia uma espessa moita que não produzia nem flores nem frutos. Na realidade, tratava-se de uma velha sebe, que fazia fronteira com o bosque, e que tinha crescido até se transformar numa moita impenetrável porque, nos últimos vinte anos, ninguém cuidara dela. A avó contara que durante a guerra, altura em que as galinhas corriam livremente pelo jardim, a sebe tinha tornado um pouco mais difícil a

caça às galinhas, levada a cabo pelas raposas.

Para os outros, a velha sebe era tão inútil como as coelheiras antigas, que ficavam um pouco mais à frente no jardim. Mas ninguém conhecia o segredo de Sofia. Tanto quanto Sofia se conseguia lembrar, tinha descoberto uma estreita passagem através da sebe. Quando a atravessava engatinhando, atingia rapidamente um grande espaço, que era o seu esconderijo. Aí, podia estar completamente segura de que ninguém a encontraria.

Com os envelopes na mão, Sofia atravessou o jardim correndo e rastejou com o apoio dos braços através da sebe. A toca era tão grande, que quase podia ficar de pé, mas decidiu sentar-se numas raízes grossas. De dentro conseguia ver para o exterior, através de dois orifícios minúsculos, por entre ramos e folhas. Apesar de nenhuma destas aberturas ser maior do que uma moeda, ela tinha o panorama de todo o jardim. Quando era menor, observava divertida a mãe ou o pai à sua procura, no meio das árvores. Para Sofia, o jardim tinha sido sempre um mundo à parte. Sempre que ouvira falar do jardim do Éden na história da Criação, lembrava-se da sua toca e de como era estar lá sentada e observar o seu próprio pequeno paraíso.

“De onde vem o mundo?”

Não, ela não o sabia.

Sofia sabia obviamente que a Terra era apenas um pequeno planeta no universo imenso.

Mas de onde vinha o universo?

Era possível pensar que o universo tivesse existido sempre; sendo assim, não precisava procurar a resposta para a pergunta sobre a sua origem. Mas poderia alguma coisa ser eterna? Qualquer coisa nela recusava esta idéia. Tudo o que existe tem que ter um começo. Por isso, o universo tinha de ter surgido de outra coisa.

Mas se o universo tivesse surgido subitamente de uma outra coisa, então também esta outra coisa teria de ter surgido, a dada altura, de uma outra. Sofia compreendeu que apenas diferia o problema. Afinal, alguma coisa teria de ter surgido do nada a certa altura. Mas seria isso possível? Este pensamento não seria tão impossível como o de o mundo ter sempre existido?

Na aula de religião, aprendiam que Deus tinha criado o mundo, e Sofia procurou então tranquilizar-se com a idéia de que essa era, no fundo, a melhor solução para o problema. No entanto, começou de novo a pensar.

Podia facilmente aceitar que Deus tivesse criado o universo, mas o que se passava pensando em Deus? Será que se tinha criado a si mesmo do nada? De novo, algo nela discordava deste pensamento.

Apesar de Deus poder criar todas as coisas, dificilmente se poderia criar a si mesmo, antes de ter um “ele mesmo”, com o qual pudesse criar.

Restava apenas uma possibilidade: Deus existira sempre. Mas ela já pusera de parte essa possibilidade. Tudo o que existia tinha de ter um começo.

— Que diabo! — Abriu de novo os envelopes. — Quem és tu?

— De onde vem o mundo? Que perguntas terríveis!

E de onde vinham ambas as cartas? Isso era igualmente misterioso. Quem é que arrancara Sofia à realidade quotidiana e a confrontara subitamente com os grandes enigmas do universo?

Pela terceira vez, Sofia foi à caixa do correio. Só nesta altura é que o carteiro tinha trazido a correspondência diária. Sofia retirou um monte de correio com publicidade, jornais e duas cartas para a mãe. Havia também um postal, com a fotografia de uma praia do Sul. Voltou o postal. Tinha selos noruegueses e o carimbo “Contingente ONU”. Seria do seu pai? Mas ele não estava noutra lugar? De resto, não era a sua letra.

Sofia sentiu o pulso bater com mais força à medida que lia a direção no postal. “Hilde Möller Knag, a/c Sofia Amundsen, Klöverveien 3... O resto da morada estava correto. No postal estava escrito:

“Querida Hilde! Parabéns pelos teus 15 anos! Como compreendes, quero dar-te um presente, que te ajudará a crescer. Peço desculpa por mandar o postal pela Sofia. Era mais fácil deste modo.

Saudades, do pai”

Sofia correu para casa e precipitou-se para a cozinha. Sentia uma tempestade dentro de si.

Quem era esta “Hilde” que completava 15 anos um mês antes do seu aniversário?

Foi buscar a lista telefônica à entrada. Havia muitas pessoas com o nome Möller, e algumas com o nome Knag, mas em toda a lista telefônica não havia ninguém com o nome Möller Knag.

Examinou de novo o misterioso postal. Sim, era autêntico, com selo e carimbo.

Porque é que um pai enviaria um postal de aniversário para a morada de Sofia, se era óbvio que devia ser enviado para outro local? Que tipo de pai enviaria um postal de aniversário para o endereço errado, impedindo que a filha o recebesse? Como é que poderia ser “mais fácil” deste modo? E principalmente, como poderia ela encontrar essa tal Hilde?

Sofia tinha então mais um problema que se tornava um quebra-cabeças. Procurou de novo organizar as idéias na sua mente.

No decorrer de poucas horas, tinha sido confrontada com três enigmas. O primeiro enigma dizia respeito à identidade da pessoa que tinha posto ambos os envelopes brancos na sua caixa do correio. O segundo eram as questões difíceis que estas cartas colocavam. O terceiro enigma era quem era Hilde Möller Knag e por que motivo Sofia tinha recebido um postal de aniversário endereçado a esta moça desconhecida?

Ela tinha a certeza de que estes três enigmas estavam de algum modo relacionados, visto que, até então, vivera uma existência normal.

CAPÍTULO II: A CARTOLA

...para nos tornarmos bons filósofos precisamos unicamente da capacidade de nos surpreendermos...

Sofia calculou que o autor das cartas anônimas daria de novo notícias. Decidiu não contar nada a ninguém acerca das cartas.

Na escola, tornava-se difícil concentrar-se no que o professor dizia. Achou que ele falava apenas de coisas sem importância. Porque é que ele não falava antes acerca do que é um ser humano — ou do que é o mundo, e qual fora a sua origem?

Experimentava uma sensação que nunca experimentara antes: na escola e por toda a parte as pessoas ocupavam-se apenas com coisas fúteis. Mas havia

questões importantes e difíceis, cuja resposta era mais importante do que as disciplinas normais da escola. Teria alguém respostas para estes problemas? De qualquer modo, Sofia achava mais importante refletir sobre eles do que aprender de cor os verbos irregulares. Quando, após a última aula, a campainha tocou, ela saiu tão depressa do pátio da escola que Jorunn teve de correr para a alcançá-la. Passado um pouco, Jorunn perguntou:

— Que tal se jogássemos às cartas hoje à tarde?

Sofia encolheu os ombros.

— Acho que já não estou muito interessada em jogos de cartas.

Jorunn pareceu cair das nuvens.

— Não? Jogamos então badminton?

Sofia olhou fixamente para o asfalto — e depois para a amiga.

— Acho que já nem o badminton me interessa.

— Está bem! — Sofia sentiu na voz de Jorunn um tom de azedume. — Podes então dizer-me o que é que passou a ser mais importante?

Sofia abanou a cabeça.

— Isso... é um segredo.

— Já percebi. Estás apaixonada.

Caminharam juntas algum tempo em silêncio. Quando chegaram ao campo desportivo, Jorunn disse:

— Eu vou pelo campo.

“Pelo campo”. Esse era o caminho mais curto para Jorunn, mas ela só o fazia quando tinha que chegar cedo a casa, porque esperava visitas, ou porque tinha consulta no dentista.

Sofia teve pena de ter magoado Jorunn. Mas o que deveria ter respondido? Que estava subitamente muito ocupada em saber quem era e de onde vinha o mundo e que já não tinha tempo para jogar badminton? Será que a sua amiga teria entendido?

Por que motivo era tão difícil tratar das questões mais importantes e simultaneamente mais naturais? Sentiu o coração bater mais depressa à medida que abria a caixa do correio.

Primeiro viu apenas uma carta do banco e alguns envelopes amarelos e grandes, para a sua mãe. Que aborrecimento. Sofia tinha esperado tanto receber uma nova carta do remetente desconhecido!

Quando estava a fechar o portão, encontrou escrito num dos envelopes grandes o seu nome. No verso, lia-se:

Sofia percorreu o caminho de saibro e deixou a mochila da escola na escada. Empurrou as restantes cartas para debaixo do capacho, correu para o jardim atrás da casa e refugiou-se na toca. A carta grande tinha de ser aberta ali.

Sherekan correrá atrás dela, mas contra isso nada podia fazer. Sofia tinha a certeza de que o gato não contaria nada.

O envelope continha três grandes folhas escritas à máquina, unidas com um clipe. Sofia começou a ler.

O QUE É A FILOSOFIA?

Cara Sofia! Há muitas pessoas que têm diversos “hobbys”. Algumas colecionam moedas antigas ou selos, outras fazem trabalhos manuais, outras

ainda dedicam quase todo o tempo livre a uma modalidade desportiva.

Muitos gostam de ler. Mas aquilo que lemos pode variar muito. Há quem leia apenas jornais ou banda desenhada, outros gostam de romances, outros ainda preferem livros sobre os mais variados temas como a astronomia, a vida selvagem ou as descobertas técnicas.

Se estou interessado em cavalos ou pedras preciosas, não posso exigir que todos os outros partilhem deste interesse. Se me sento em frente à televisão encantado com todos os programas esportivos, tenho de aceitar que outros possam achar o esporte aborrecido.

Haverá alguma coisa que interesse a toda a gente?

Haverá alguma coisa que diga respeito a todas as pessoas, independentemente do que são e do lugar do mundo onde vivem? Sim, cara Sofia, há questões que dizem respeito a todos os homens. E neste curso trata-se precisamente dessas questões.

Qual a coisa mais importante na vida? Se o perguntarmos a alguém num país com o problema da fome, a resposta é: a comida. Se pusermos esta questão a alguém que esteja com frio, nesse caso a resposta é: o calor. E se perguntarmos a uma pessoa que se sinta muito sozinha a resposta será certamente: a companhia de outras pessoas.

Mas admitindo que todas estas necessidades estão satisfeitas — será que resta alguma coisa de que todos os homens precisam? Os filósofos acham que sim.

Segundo eles, o homem não vive apenas do pão. É evidente que todos os homens precisam comer. Todos precisam de amor e de atenção, mas há algo mais de que todos os homens precisam. Precisamos descobrir quem somos e porque é que vivemos. Interessarmo-nos pela razão da nossa existência não é um interesse ocasional, como o interesse em colecionar selos.

Quem se interessa por tais problemas, preocupa-se com tudo aquilo que os homens discutem desde que apareceram neste planeta. A questão acerca da origem do universo, do globo terrestre e da vida é mais vasta e mais importante do que saber quem ganhou mais medalhas de ouro nos últimos Jogos Olímpicos.

A melhor maneira de nos iniciarmos na filosofia é colocar perguntas filosóficas:

Como se formou o mundo? Haverá uma vontade ou um sentido por detrás daquilo que acontece? Haverá vida depois da morte? Como podemos encontrar resposta para estas perguntas? E, acima de tudo, como deveríamos viver? Estas perguntas foram colocadas desde sempre pelos homens. Não conhecemos nenhuma cultura que não tenha perguntado quem são os homens e de onde vem o mundo. As perguntas filosóficas que podemos colocar não são muitas mais. Já

colocamos algumas das mais importantes.

A história oferece-nos muitas respostas diferentes para cada uma destas perguntas.

Por isso, é mais fácil formular perguntas filosóficas do que encontrar a sua resposta.

Mesmo hoje, cada um deve encontrar as suas respostas para estas perguntas. Não podemos saber se Deus existe ou se há vida depois da morte, consultando a enciclopédia. A enciclopédia não nos diz como devemos viver. Mas ler o que outros homens pensaram pode, no entanto, ser uma ajuda, se quisermos formar a nossa própria concepção da vida e do mundo.

A busca da verdade pelos filósofos pode ser talvez comparada a um romance policial. Alguns pensam que Andersen é o assassino, outros pensam que é Nielsen ou Jepsen. Talvez o verdadeiro mistério deste crime possa ser um dia esclarecido subitamente pela polícia. Podemos também pensar que a polícia nunca conseguirá resolver o enigma. Mas este tem, no entanto, uma solução.

Mesmo quando é difícil responder a uma pergunta, é possível imaginar que a pergunta possa ter uma — e apenas uma — resposta correta.

Ou há uma forma de vida após a morte ou não.

Muitos enigmas antigos foram, entretanto, resolvidos pela ciência. Outrora, o aspecto da face oculta da Lua era um grande mistério. Não se podia descobrir a resposta através da discussão, e assim era deixada à imaginação de cada um. Mas hoje em dia sabemos exatamente qual é o aspecto da face oculta da Lua. Já não podemos acreditar que haja um homem vivendo na lua, ou que ela seja um queijo.

Segundo um filósofo grego que viveu há mais de dois mil anos, a filosofia surgiu da capacidade que os homens têm de se surpreender. O homem acha tão estranho viver, que as perguntas filosóficas surgem por si mesmas.

Pensa no que sucede quando observamos um truque de magia: não conseguimos perceber como é possível aquilo que estamos a ver. E perguntamos: como é que o ilusionista conseguiu transformar dois lenços brancos de seda num coelho vivo?

Para muitos homens, o mundo parece tão inexplicável como o coelho que um ilusionista retira subitamente de uma cartola até então vazia. No que diz respeito ao coelho, percebemos claramente que o ilusionista nos enganou. O que pretendemos descobrir é como nos enganou.

Quando falamos sobre o mundo, a situação é diferente. Sabemos que o mundo não é pura mentira, uma vez que nós estamos na Terra e somos uma parte do universo. Na verdade, somos o coelho branco que é retirado da cartola. A diferença entre nós e o coelho branco é apenas o fato de o coelho não saber que participa num truque de magia. Conosco passa-se de modo diferente. Sentimos que tomamos parte em algo misterioso, e gostaríamos de esclarecer de que modo tudo está relacionado.

P.S.: No que diz respeito ao coelho branco, o melhor é talvez compará-lo com o conjunto do universo. Nós, que vivemos aqui, somos parasitas minúsculos que vivem na pele do coelho. Mas os filósofos procuram subir pelos pêlos finos, de modo a poderem fixar nos olhos o grande ilusionista.

Estás a seguir-me, Sofia? Receberás a continuação.

Sofia estava exausta. Se estava a seguir? Já nem sabia se tinha respirado durante a leitura.

Quem tinha trazido a carta? Quem? Quem? Era impossível que fosse a mesma pessoa que enviara o postal de aniversário a Hilde Möller Knag, visto que o postal tinha selo e carimbo, e o envelope amarelo fora colocado diretamente na caixa do correio exatamente como os envelopes brancos.

Sofia olhou para o relógio. Eram apenas duas e quarenta e cinco. Só daí a duas horas é que a sua mãe chegaria do trabalho.

Sofia foi de novo para o jardim, e correu para a caixa do correio. Haveria mais alguma coisa? Encontrou um outro envelope amarelo, no qual estava escrito o seu nome. Olhou à sua volta, mas não conseguiu descobrir ninguém. Correu para a orla do bosque e olhou em redor, mas não encontrou ali viva alma. De repente, pareceu-lhe ouvir ramos a estalar mais à frente no bosque.

Mas não tinha a certeza absoluta, e não faria sentido ir ao encalço de alguém que tentava fugir-lhe.

Sofia abriu a porta de casa com a chave e colocou a mala da escola e a correspondência para a mãe no chão.

Foi para o quarto, pegou na grande caixa de biscoitos onde guardava a sua coleção de pedras, pôs as pedras no chão e colocou os dois envelopes grandes na caixa. Foi de novo para o jardim com a caixa nas mãos, depois de ter dado de comer a Sherekan.

— Bichano, bichano, bichano!

Sentada de novo dentro da toca, abriu o envelope e retirou várias folhas escritas à máquina. Começou a ler.

“Um ser estranho”

Cá estamos de novo. Com certeza já percebeste que este pequeno curso de filosofia vem em doses pequenas. Eis mais algumas observações introdutórias. Estás a seguir-me, Sofia? Receberás a continuação.

Eu já disse que a capacidade de nos surpreendermos é a única coisa de que precisamos para nos tornarmos bons filósofos? Se não o disse, digo-o agora: A CAPACIDADE DE NOS SURPREENDERMOS É A ÚNICA COISA DE QUE PRECISAMOS PARA NOS TORNARMOS BONS FILÓSOFOS.

Todas as crianças pequenas possuem essa capacidade, isso é óbvio. Com poucos meses de vida, começam a aperceber-se de uma realidade

completamente nova. Mas quando crescem, esta capacidade parece diminuir. Qual será o motivo?

Poderá Sofia Amundsen responder a esta pergunta? Se um recém-nascido pudesse falar, diria certamente muitas coisas sobre o estranho mundo a que chegou. Porque ainda que a criança não possa falar, vemos como aponta à sua volta e agarra com curiosidade os objetos no quarto.

Quando começa a falar, a criança fica parada cada vez que vê um cão e chama:

— ão, ão! Começa a agitar-se no carrinho, e move freneticamente os braços: — ão, ão! Nós, que temos mais idade, sentimo-nos talvez pouco à vontade com o entusiasmo da criança. — Sim, sim, isso é um ão ão! — dizemos muito sabedores. — Mas agora senta-te. Não estamos assim tão entusiasmados. Já tínhamos visto cães antes.

Provavelmente, esta cena repete-se algumas cem vezes até que a criança possa passar por um cão sem ficar fora de si. Ou por um elefante, ou por um hipopótamo. Mas muito antes que a criança aprenda a falar corretamente — ou antes que aprenda a pensar filosoficamente — o mundo tornou-se para ela algo habitual.

É pena. Será a minha tarefa impedir que tu, cara Sofia, te tornes uma

daquelas pessoas para quem o mundo é evidente. Para termos a certeza, vamos fazer duas experiências mentais, antes de começarmos com o curso de filosofia propriamente dito. Imagina que dás um passeio pelo bosque. De repente, descobres à tua frente uma pequena nave espacial. Da nave espacial, um marciano desce e olha fixamente para ti... O que pensarias numa situação dessas? Bom, isso, no fundo, é indiferente. Mas já pensaste que tu mesma és também um marciano?

Obviamente, não é particularmente provável que alguma vez encontres com uma criatura de outro planeta. Nem sequer sabemos se há vida nos outros planetas. Mas é possível que tu encontres contigo mesma. Pode acontecer que um belo dia fiques surpreendida e te vejas de um modo completamente diferente. Talvez isso se passe precisamente num passeio pelo bosque.

Eu sou um ser estranho, pensas tu. Sou um animal misterioso...

Pareces acordar de um sono de muitos anos como a Bela Adormecida. Quem sou eu? — perguntas. Sabes que estás num planeta do universo. Mas o que é o universo?

Se te descobrires desta maneira, descobriste algo tão misterioso como o marciano que mencionamos anteriormente. Não só descobriste um extraterrestre, mas sentes interiormente que tu própria és um ser desses.

Ainda me estás a seguir, Sofia? Vamos fazer mais uma experiência:

Certa manhã, o pai, a mãe e o pequeno Tomás, que tem dois ou três anos, estão sentados na cozinha durante o café-da-manhã. De repente, a mãe levanta-se e vira-se para o lava-louça: nesse preciso momento, o pai começa a voar em direção ao teto, enquanto Tomás observa.

O que te parece que Tomás diz? Provavelmente, aponta para o pai e diz — O pai voa!

Certamente que Tomás ficaria admirado. Mas o pai faz coisas tão estranhas que um pequeno vôo acima da mesa já não tem importância aos seus olhos. Todos os dias faz a barba com uma máquina engraçada, por vezes sobe ao telhado para orientar a antena da televisão — ou enfia a cabeça junto ao motor do carro e aparece depois todo negro.

Depois, é a vez da mãe.

Ela ouviu o que Tomás disse e volta-se rapidamente. Como achas que reagirá vendo o marido a esvoaçar sobre a mesa da cozinha?

O frasco da marmelada cai-lhe imediatamente da mão, começará a gritar de medo.

Talvez tenha de ir ao médico, mesmo depois de o pai se ter sentado de novo na cadeira. (Ele já devia ter aprendido há muito tempo como se comportar à mesa!).

Porque é que Tomás e a mãe reagem de forma tão diferente? É uma questão de hábito.

(Toma nota disto!). A mãe aprendeu que os homens não podem voar. Tomás não. Ainda não distingue o que é possível do que não é.

Mas o que dizer do mundo, Sofia? Achas que o mundo é possível? Também está suspenso no espaço.

O mais triste é que ao crescermos não nos habituamos apenas à lei da gravidade, habituamo-nos, simultaneamente, ao mundo.

Aparentemente, perdemos durante a nossa infância a capacidade de nos surpreendermos com o mundo. Mas com isso, perdemos algo essencial — algo

que os filósofos querem reavivar. Porque em nós algo nos diz que a vida é um grande mistério. Já tivemos essa sensação muito antes de termos aprendido a pensar nisso.

Vou ser mais preciso: apesar de todas as questões filosóficas dizerem respeito a todos os homens, nem todos os homens se tornam filósofos. Por diversos motivos, a maior parte está presa de tal forma ao quotidiano que o espanto perante a vida é muito escasso. (Descem para a pele do coelho, acomodam-se e permanecem lá em baixo para o resto da vida).

Para as crianças, o mundo — e tudo o que existe nele — é uma coisa nova, uma coisa que provoca estupefação.

Os adultos não o vêem assim.

A maior parte dos adultos vê o mundo como qualquer coisa completamente normal.

Os filósofos constituem uma exceção notável. Um filósofo nunca se conseguiu habituar completamente ao mundo. Para um filósofo ou para uma filósofa o mundo é ainda incompreensível, inclusivamente enigmático e misterioso. Os filósofos e as crianças pequenas possuem uma importante qualidade em comum.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "O Mundo de Sofia"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).